

suplemento

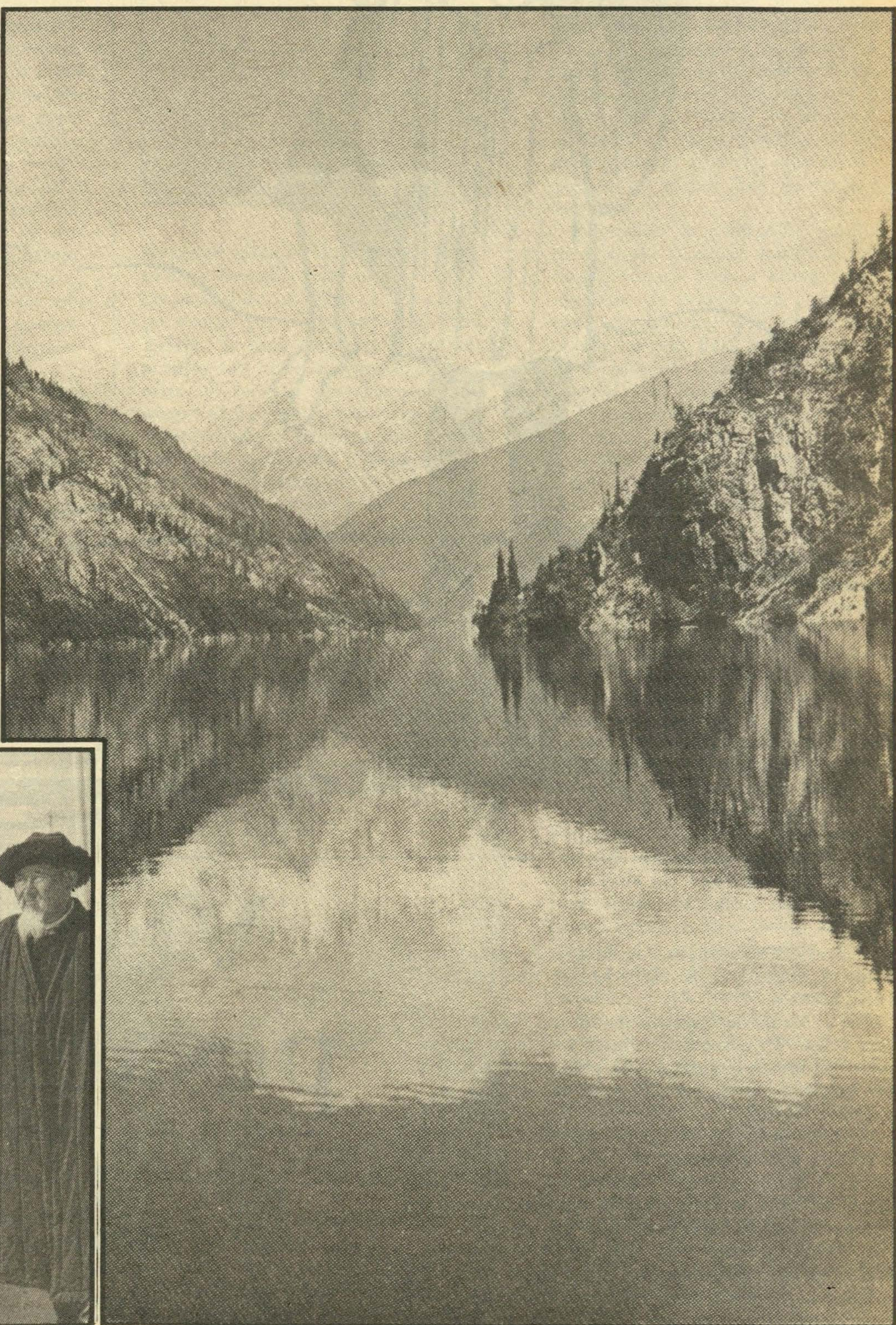
CULTURAL

ISSIK-KUL

o lago mítico nas montanhas do céu

Miguel Urbano Rodrigues ■ Págs. 6/7/8 e 9

Um povo no coração da Ásia



«Alexandra Alpha» romance de José Cardoso Pires

Regressamos ao romance de José Cardoso Pires «Alexandra Alpha», reservando a mesa-redonda para a próxima semana, agora apenas para algumas palavras que a leitura do livro nos mereceu. Para darmos conta de um texto importante, de uma ficção/realidade feita de coragem e de palavras exactas.



Pág. 3

Marguerite Yourcenar – uma imensa sensibilidade

E ainda a evocação de Marguerite Yourcenar, a escritora que nos traz a cada momento, em todos os seus livros, a sua imensa sensibilidade pela vida, seja ela humana, animal, vegetal ou mineral, vida que fica ao mesmo tempo ligada ao universo e desprendida, liberta, como Adriano, Zénon ou Mishima nos derradeiros instantes.



Pág. 4

«Alexandra Alpha» de José Cardoso Pires — a denúncia das mitologias

Miguel Serrano

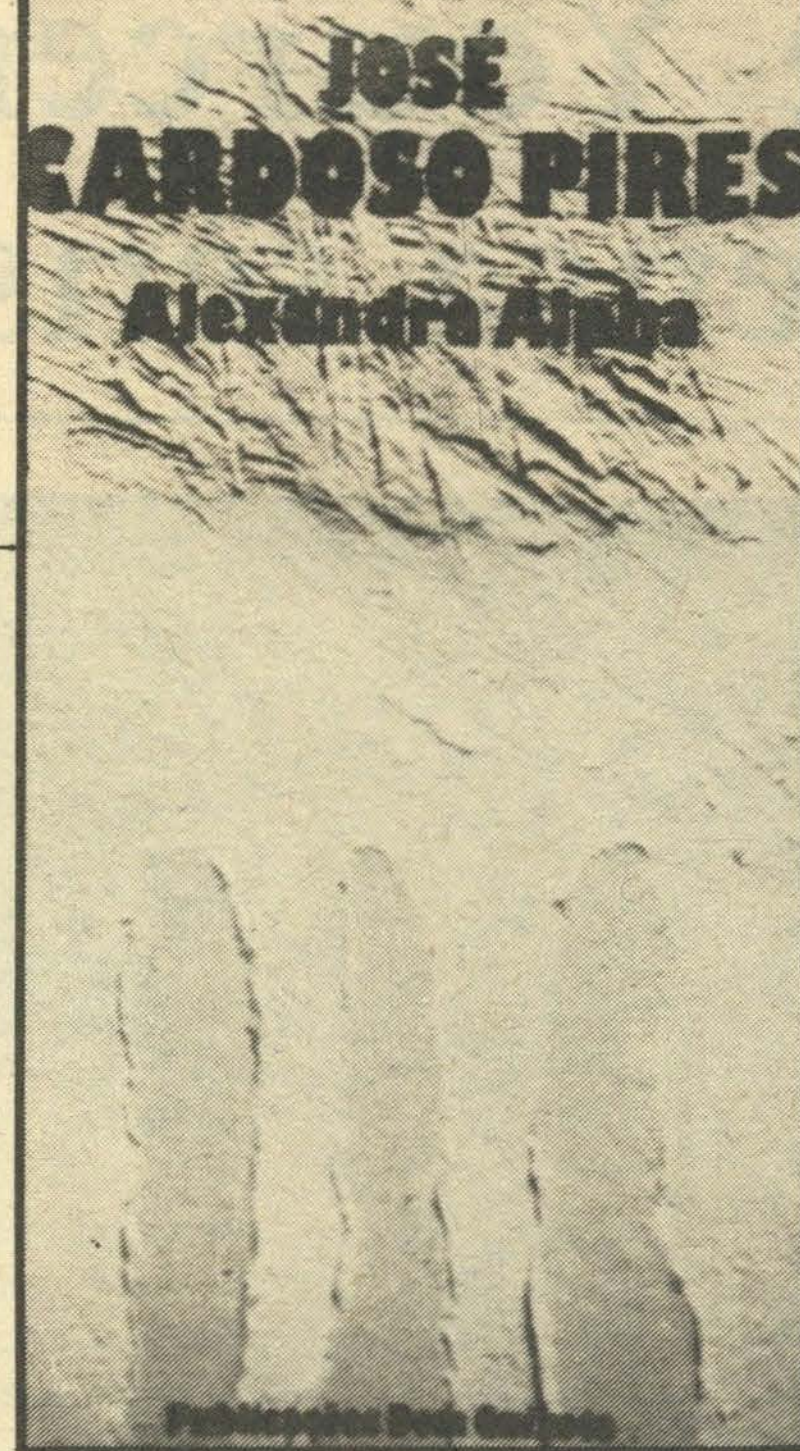
«Alexandra Alpha» de José Cardoso Pires abriu mais um capítulo na história da literatura portuguesa. Difícil é fazer caber neste ligeiríssimo apontamento uma síntese das sínteses que torne compreensível o quanto este livro nos agradou pela sua compreensão humana, a sua escrita (literária) falante e, sobretudo, a consciência da inconsciência deste País.

Há um dado importante nos livros de José Cardoso Pires que nos importa desde já realçar: a leitura nunca cansa, pelo contrário é sempre sugestiva, atraente linha após linha. E sabe-se como um livro pode cansar, mesmo que se trate de um texto admirável.

As sondagens de um tempo português, desde a queda do ditador da cadeira — «Ai, ai, mana. Isto por cá é tão maneirinho que até as ditaduras caem de cadeira» — até ao pós 25 de Abril, dão a este livro, tão lúcido e tão dorido no testemunho/denúncia, uma plenitude que fazem dele um caso único e intransmissível.

A ironia agilmente adestrada que Cardoso Pires caldeia de forma exemplar, a vivacidade e naturalidade da escrita, o retrato para além do *la minute* de um grupo de personagens inesquecíveis na sua dimensão humana e anedótica, o rigor de um estilo pessoalíssimo, a astúcia e o humor com que as mitologias deste País são denunciadas — e também a coragem, e dizemos coragem porque tal denúncia não é vulgar — tornam «Alexandra Alpha» actual e actuante, uma memória/testemunha de um tempo que foi de ontem, que é de hoje, de um tempo concreto e um tempo simbólico, na imagem emblemática de um País que é muitas vezes o que parece — «um sítio mal frequentado».

Não há neste livro apenas uma ou duas personagens que despertem desde logo a atenção do leitor, mas sim muitas, figuras que se cruzam, dialogam, têm vida própria. E de tal maneira com elas se convive que a certa altura



se perde a noção do literário para se ficar frente à vida, numa vivência restituída ao agora, a um campo visual que é mais do que memória. E esta capacidade vai-se acentuando com o avançar da escrita. O leitor é simultaneamente observador, testemunha nunca diferenciada e personagem, porque tudo quanto na leitura acontece se vai interligando e transmutando para outras personagens, outras gentes... Grupos de pesso-

as violadoras de convenções sociais, algumas delas, por vezes, transformadas num espectáculo qual parada de extravagâncias sem sentido. E o sentido existe porque ele é esse mesmo não ter sentido.

«Alexandra Alpha» uma referência que se regista, o anedótico é, porque este se tornou simbólico nas malhas de uma rede que é trama de um tempo de disfarce, dinâmica de uma história ou de muitas outras histórias que se explicam no muito que vivemos e somos.

Romance de coragem, repetimos, onde o autor denuncia denunciando-se com a coragem (a repetição da palavra tem o significado do cidadão que ama a sua cidade, o seu País, e do escritor que conhece a escrita da língua que fala) da inteligência.

Da conversa que com o escritor tivemos, em mesa-redonda, em que participaram também Salvato Teles de Meneses e José Jorge Letria daremos escrita na próxima semana.